

metodológica, se o processo de comunicação falhar, o trabalho pode não ter o impacto e ganhar a influência que merecia.

Penso que a melhor forma de expressar a perspectiva da autora, neste ponto, seria a compreensão de que, para construir conhecimento científico, o investigador precisa ter três competências estratégicas de literacia crítica: saber ler, saber escrever e saber falar. O investigador precisa saber ler, porque, para desenvolver a sua própria investigação, tem não apenas de compreender a investigação sedimentada por outros autores, mas precisa saber orientar, com grande sentido de propósito, a obra de outros para os objetivos que interessam à sua própria investigação. Depois, o investigador precisa saber escrever para demonstrar, junto da comunidade científica, a relevância do seu trabalho, com proficiência na metodologia, nomeadamente, de redação de artigos, apresentação gráfica e normas de citação, porque – e esta é uma marca muito importante no espírito deste livro – a comunicação da investigação científica é, em larga medida, uma forma de etiqueta. E, por isso, o investigador precisa também saber falar, porque a ciência é, cada vez mais, um debate público.

Neste ponto, a autora apresenta uma lista de diferentes tipos de encontros científicos (conferência, palestra, colóquio, mesa-redonda, painel, inter alia) e qual a retórica da expressão em cada um deles. Muitos investigadores que sabem ler e sabem escrever bem, no sentido que foi referido acima, acabam, por vezes, por não marcar a sua posição, porque não foram tão estratégicos na linguagem oral da ciência, num mundo onde o conhecimento científico é crescentemente construído num movimento alargado entre a academia e sociedade.

Desta forma, ao apostar inteligente-

mente no esclarecimento da sintaxe e semântica da metodologia da investigação científica, Margarida Pocinho escreveu um livro que, daqui a muitos anos, será ainda atual para o ensino e a prática da investigação, compreendendo a conexão fundamental entre a continuidade do método científico e a mudança vertiginosa no mundo da investigação científica que é, cada vez mais, uma parte do mundo maior de todos nós.

Carlos Alberto Afonso

Instituto Superior Miguel Torga

Fernando Petronilho. 2012. *Autocuidado: Conceito Central da Enfermagem*. Coimbra: Formasau. 105 pp. ISBN: 978 - 989 - 8296 - 17 -1.

O crescente aumento dos custos relacionados com a gestão da doença crónica alargou o campo da discussão acerca de modelos de gestão da doença crónica, com enfoque no papel da pessoa com doença e no processo de capacitação da mesma para a gestão da sua condição de saúde individual. Este processo transfere para a pessoa com doença responsabilidade, envolvimento, mudanças de comportamentos e estilos de vida relacionados com a saúde e que requerem ajuda, acompanhamento e tutoria dos profissionais de saúde, nomeadamente dos enfermeiros.

Neste contexto, Fernando Petronilho, a partir da sua investigação de Doutoramento que deu origem a este livro, destaca o autocuidado como um conceito

central para a enfermagem. O autor é licenciado em Enfermagem, Especialista em Enfermagem de Reabilitação, Mestre em Ciências de Enfermagem e Docente na Escola Superior de Enfermagem da Universidade do Minho. O conceito do autocuidado é abordado, neste livro, do ponto de vista da sua evolução ao longo do tempo, como um fenómeno complexo, simultaneamente inato e aprendido, que se foi transformando e é, atualmente, fundamental para uma gestão bem sucedida da doença crónica. De igual modo, o autor enfatiza que o autocuidado é, simultaneamente, resultado das intervenções dos enfermeiros. No entanto, Petronilho refere que, não obstante constituir, reconhecidamente, um conceito central da enfermagem – no quadro de uma estrutura teórica orientadora da prática clínica, além de um número significativo de estudos de investigação sobre o tema nas últimas décadas – não existe ainda um consenso crítico acerca do conceito de autocuidado, o que tem comprometido o desenvolvimento de instrumentos de medida que permitam criar modelos de intervenção mais eficazes.

O livro está dividido em duas partes. A primeira discute a noção de autocuidado numa perspetiva conceptual, com referência à Teoria do Autocuidado de Orem, apresentando uma descrição dos conceitos centrais desta teoria. A segunda parte apresenta um conjunto de dados empíricos sobre o fenómeno do autocuidado, com recurso a uma revisão sistemática da literatura e utilização do método PICOD.

A Teoria de Enfermagem do Défice de Autocuidado de Orem é apresentada com detalhe, em particular no que se refere às três construções teóricas inter-relacionadas: a Teoria do Autocuidado; a Teoria do Défice de Autocuidado; e a Teoria dos Sistemas de Enfermagem. Apesar

de os conceitos teóricos apresentarem uma complexidade que, na minha leitura, torna difícil a sua compreensão e consequente aplicação prática, a forma como o autor descreve este material simplifica e, ao mesmo tempo, aproxima este património teórico da prática de cuidados. Esta descrição reflete princípios fundamentais no processo de planificação de cuidados dos enfermeiros, apesar de uma grande parte dos profissionais não ser capaz de os identificar na sua prática de cuidados.

De seguida, Fernando Petronilho fornece a metodologia científica utilizada no seu estudo, definindo como objetivo ‘explorar o conhecimento empírico, nos últimos 20 anos, sobre o fenómeno do autocuidado’ (p.29). Recorrendo a bases de dados, foram identificados 1196 artigos e selecionados, no final, 58, a partir dos quais o autor apresenta a discussão dos principais resultados, agrupada em três subcapítulos: Autocuidado como um Recurso de Saúde; Estilos de Autocuidado; e Fatores Determinantes do Autocuidado. Os estudos são apresentados de forma resumida, a partir do ano de publicação, por ordem decrescente. Este capítulo é de leitura mais complexa, devido ao número de estudos identificados, mas o autor revela uma grande capacidade de organização e sistematização dos resultados, apresentando uma tabela com uma síntese dos resultados dos estudos encontrados que divide em sete dimensões: física, cognitiva, psicológica, sociodemográfica, social/saúde, espiritual/cultural e económica e, no quadro de cada uma destas dimensões, são discriminados os diferentes componentes encontrados.

Na conclusão, o livro sustenta claramente uma linha de pensamento/ação em enfermagem. Assim, autocuidado ‘é entendido como a percepção, a capacidade e os comportamentos dos indivíduos

em realizarem atividades práticas destinadas a promover e manter saúde, a prevenir e gerir doenças' (p.92), mas também como um resultado sensível dos cuidados de enfermagem nos diferentes contextos. E última instância, Fernando Petronilho reflete sobre o impacto do fenómeno autocuidado na gestão da doença crónica e no bem-estar na pessoa/família, recomendando a necessidade de desenvolvimento de modelos de intervenção adequados, de modo a 'testar a efetividade e eficiência dos cuidados [...] e encontrar as melhores respostas, face às necessidades das populações decorrentes das transições ao longo do ciclo de vida' (p.93).

Este trabalho, considerando o autocuidado como um fenómeno incontornável no contexto da saúde, para além de uma abordagem rigorosa, do ponto de vista metodológico, da clara organização dos materiais e sua discussão, abre portas para trabalhos futuros e deixa sugestões consistentes e enquadradas na realidade do panorama da saúde atual. Por isso, este livro constitui um recurso para os enfermeiros e uma referência substantiva para todos aqueles que se interessam pela transformação prática e a concepção da saúde no mundo de hoje.

Dora Neves

*Instituto Português de Oncologia de
Coimbra Francisco Gentil, EPE*

José Manuel Santos. 2012. *Introdução à Ética*. Lisboa: IFP e FCT. 304 pp. ISBN: 978-989-8618-12-2.

'A época em que vivemos faz parte daquelas em que se assiste a um aumento da procura de ética', refere José Manuel Santos (p.34). Todavia, sendo a palavra ética uma das mais difundidas e mais constantemente utilizadas na linguagem contemporânea, o seu desvirtuamento semântico também se verifica, sobretudo pela incessante migração entre diversas formas de pensamento e diferentes linguagens.

A 'abertura do mundo' que caracteriza o ser humano marca a diferença específica da ordem cultural e, portanto, da moral enquanto norma. Ao contrário do animal não humano que vive num mundo 'fechado' ou, melhor dito, num meio para o qual está instintivamente programado, o ser humano tem um *mundo* propriamente dito, uma representação do não imediatamente presente, do não visto e do não dado, das suas múltiplas possibilidades de agir, da 'abertura', mas também da contingência, do mundo. Deste modo, tem a cada instante que *pensar* sobre o que *fazer* ou *ser* no mundo. Viver num mundo permanentemente aberto a múltiplas possibilidades exige uma preocupação particular com a orientação na vida, com a definição de um modo de viver. A questão ética formulada por Sócrates, 'como viver?', exprime o desassossego desta situação original. Uma moral que responda a esta pergunta é uma proposta humana de um modo de vida e de um modo de relação com os outros, considerada a 'melhor' entre outras possíveis.

Isto significa que a tarefa ética não se fica por uma orientação mecânica do agir, mas inclui, igualmente, a *justificação* de uma determinada maneira de agir. É sobretudo por este esforço de justificação